

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal do Commercio (Rj)

Class.: 162

Data: 22 de fevereiro de 1989

Pg.: _____

Índio com borduna e facão protesta contra hidrelétrica

ALTAMIRA — O Governo brasileiro não abre mão de construir uma usina hidrelétrica a 60 quilômetros de Altamira. O diretor de planejamento e engenharia da Eletronorte, José Antônio Muniz Lopes, só anunciou ontem no I Encontro das Nações Indígenas do Xingu, que o projeto não se chamará mais Cararaó, um grito de guerra sagrado e milenar dos kayapós. A reação indígena foi fulminante: o kayapó Uté, tio do líder Paulinho Paiakan, saltou da compacta platéia indígena de borduna em riste e agitou-a próxima ao rosto do diretor da Eletronorte. Minutos depois, Tuirã, uma prima de Paiakan, veio na direção de Muniz Lopes com um terçado-facão usado por mateiros e pequenos agricultores da Amazônia — e chegou a deixá-lo a centímetros do nariz do diretor.

“O que é energia? Para nós, ela só traz morte e destruição”, clamava Uté em sua língua, empunhando freneticamente a arma. Foram momentos tensos. As autoridades remexiam-se desconfortavelmente nas cadeiras, enquanto as centenas de índios presentes ao encontro gritavam e arremetiam para cima bordunas, arcos, flexas e lanças. Até o deputado ecológico Fábio Feldman (PSDB-SP), sentado ao lado de Muniz Lopes, ficou em expectativa. Ele vai organizar um movimento no Congresso Nacional para votar contra a construção da hidrelé-

trica. Com a nova Constituição, o Governo depende do aval do Legislativo para tocar o projeto energético.

As dezenas de jornalistas estrangeiros fotografavam e cochichavam intensamente, mas não entendiam o que estava se passando. Jorge Tereza, assessor de assuntos indígenas do Ministério da Cultura e da Comissão de Assuntos Indígenas do Ministério da Cultura e da comissão organizadora do encontro, começou a traduzir em inglês a confusão, quando o som do microfone sumiu. Foi meia hora de fervura no caldeirão, durante o qual os índios mostravam impaciência, sentando e levantando incessantemente em grupos, de armas em punho e soltando gritos.

Quando o microfone voltou a funcionar, Tuirã novamente apareceu com seu terçado. O diretor da Eletronorte retomou sua fala logo depois, tentando explicar que a empresa ainda está elaborando o relatório de impacto ambiental do projeto, quando vaias de ecologistas o interromperam novamente. Aí, Paulinho Paiakan interveiu: “Estou pedindo às pessoas que ajudem a gente a participar, que não façam gritos. Quando nós precisamos de apito nós pedimos, mas deixe-nos caminhar sozinhos. Os que quiserem que façam perguntas.”

Assim, Muniz Lopes prometeu que nem a hidrelétrica próxima de Altamira, nem nenhum outro projeto da

Eletronorte, a partir de agora, será batizado com nomes indígenas. Os índios aproveitaram, então, para demonstrar ao vivo o que representa “cararaó”. Primeiro, todos se levantaram, entoando “cararaooooó” e agitando suas armas. Depois o cacique Tutu-Pombo, sozinho, fez uma encenação do que poderia acontecer com um branco que o provocasse com esta palavra. E lança na mão, ele a balançou seguidas vezes na direção do chão e, virando ao contrário, batia como se estivesse massacrando um crânio humano.

“Morte, guerra, matança, destruição”, é isto que representa cararaó, dizia calmamente Paiakan. Esta cena antecedeu um discurso emocionado do xavante Benjamin. Para ele, a construção da hidrelétrica, como quer o Governo, não representa desenvolvimento.

■ Protegido por um forte esquema de segurança, que reuniu agentes da Polícia Federal e soldados da Polícia Militar, o roqueiro inglês Sting desembarcou ontem à tarde no Aeroporto de Altamira, acompanhado do cacique Raoni, de quem se tornou amigo ao visitar o Xingu pela primeira vez no ano passado. O cantor evitou os jornalistas e seguiu direto para o Retiro Betânia, a 10 quilômetros do centro da cidade, para o encontro com cerca de 700 índios lá acampados e que participam do congresso promovido pelos kaiapós.